

Uma canção contra a guerra, um hino para o regime

Capítulos	6 — As aventuras da Jovem Guarda · 1 — Indústria Cultural e a indústria fonográfica no Brasil
Ano sugerido	3ª série do Ensino Médio
Disciplina	História
Em parceria com	Língua Portuguesa
Tempo sugerido	3 aulas de 50 minutos

Professor(a): _____ Turma: _____ Data: ____ / ____ / ____

TEMA GERAL

Guerra Fria, propaganda ideológica e a indústria que fabrica e vende as duas coisas: o que uma canção carrega ao mudar de país, e o que muda nela quando o país muda.

Problema norteador: *Por que a mesma banda gravou, em três anos, uma canção contra a guerra e um hino de exaltação ao regime — e por que a mesma gravadora lançou as duas?*

HABILIDADES

- **EM13CHS101** Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
- **EM13CHS303** Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas a uma percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo.
- **EM13LGG102** Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias como forma de ampliar suas as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade.

No ENEM: Matriz de Referência do ENEM. Ciências Humanas e suas Tecnologias: H7 — Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações; H15 — Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história; H21 — Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.

OBJETIVOS

- Analisar e relacionar a canção e os demais documentos da aula como fontes históricas, para responder à pergunta norteadora: Por que a mesma banda gravou, em três anos, uma canção contra a guerra e um hino de exaltação ao regime — e por que a mesma gravadora lançou as duas?
- Compreender Guerra Fria, Guerra do Vietnã e o movimento contra a guerra nos anos 1960.
- Compreender censura em regimes diferentes: a pressão sobre a emissora estatal italiana e a censura brasileira antes e depois do AI-5.



- Compreender a versão como linha de produção: gravadoras comprando sucesso já testado fora e encomendando letra em português.
- Avaliar o percurso da aula no produto final: podcast de 6 a 8 minutos, em grupos, com trechos das três gravações e narração, respondendo à pergunta norteadora. Um dos blocos é obrigatoriamente sobre a dúvida da etapa 4: o que se sabe, o que não se sabe e o que faltaria saber. Entrega acompanhada da escaleta com a fonte de cada afirmação.

Guerra Fria costuma chegar como mapa e cronologia; aqui chega como som e como problema de circulação — a mesma canção censurada num país da OTAN e tocada à vontade no Brasil.

A resposta mais provável à pergunta norteadora não é sobre convicção, é sobre catálogo: a indústria não tem posição, tem produto. Chegar a isso sozinho é indústria cultural aplicada, não decorada.

Separa duas coisas que o aluno confunde: a intenção de quem faz e o uso que se faz. Canção não é de lado nenhum por natureza; ela é usada — inclusive por um governo.

O par 1967/1970 entrega a periodização brasileira sem anunciá-la: entre uma gravação e outra passou o AI-5.

E ensina que ausência de registro não é prova de ausência de censura — fazendo disso um exercício, não uma lacuna.

CONTEÚDOS ENVOLVIDOS

- Guerra Fria, Guerra do Vietnã e o movimento contra a guerra nos anos 1960.
- Censura em regimes diferentes: a pressão sobre a emissora estatal italiana e a censura brasileira antes e depois do AI-5.
- A versão como linha de produção: gravadoras comprando sucesso já testado fora e encomendando letra em português.
- A versão que esvazia e a versão que carrega: um sucesso estrangeiro virando brincadeira de carro e outro atravessando o Atlântico com o assunto inteiro.
- 1967 como ano denso: a passeata contra a guitarra elétrica e a cassação dos registros profissionais dos músicos de iê-iê-iê.
- Contrato, selo e catálogo — a banda como ativo da gravadora; o compacto simples e o mercado jovem.
- Ditadura militar, governo Médici, ufanismo e milagre econômico.
- Propaganda de Estado que não fabrica o próprio produto: adota o que a indústria já tem pronto.
- Silêncio documental: o que a falta de documento permite e o que não permite concluir.

DESENVOLVIMENTO

1. Escuta cega da gravação de 1967 (10 min · escuta)

A turma anota o que aquilo parece pedir — dançar, marchar, cantar junto — e registra que soa alegre. A contradição fica anotada antes de ser explicada.

2. A gravação italiana de 1966 (10 min · escuta)

Revelado o assunto, ouve-se o original. Pergunta única: o que sobreviveu à travessia?

3. A censura italiana, documentada (10 min · exposição)



A emissora estatal exigindo que as palavras Vietnã e vietcongue não fossem pronunciadas, e o autor respondendo com sílabas sem sentido no lugar delas. Por que um aliado dos Estados Unidos censura uma canção sobre uma guerra americana?

4. A pergunta que fica aberta (15 min · pesquisa)

No Brasil de 1967 a canção tocou e fez sucesso — e o professor diz à turma, com todas as letras, que não se sabe se algo foi cortado, negociado ou simplesmente não incomodou. Os alunos levantam hipóteses e listam que documento resolveria a dúvida: parecer de censura, jornal da época, o próprio disco, o processo administrativo. A conclusão é de método: silêncio de arquivo não é prova de liberdade, e num regime que censurava, a falta de registro é ela mesma um dado a investigar.

5. Entra a gravadora (10 min · exposição)

Quem decidiu lançar isso aqui, e por quê: sucesso já testado fora, letra encomendada a um tradutor da casa, compacto rápido no mercado, banda recém-contratada precisando de lançamento. O antimilitarismo chega ao Brasil de carona num cálculo comercial — e é essa a primeira resposta à pergunta norteadora.

6. A outra versão, a que esvazia (10 min · escuta)

Escuta de uma versão brasileira contemporânea em que a tradução troca o assunto por carro, namoro e velocidade. Lado a lado com a de 1967, fica visível que versão é escolha: dá para trazer o assunto inteiro ou deixá-lo do outro lado do mar.

7. 1967, o ano inteiro (10 min · exposição)

No mesmo ano em que essa canção toca sem obstáculo, músicos saem às ruas contra a guitarra elétrica e os intérpretes de iê-iê-iê têm os registros profissionais cassados. Quem estava perseguindo quem?

8. Escuta de 1970, sem identificar (10 min · escuta)

A turma descreve o que a gravação quer produzir em quem ouve. Só então se revela: mesma banda, mesmo selo, três anos depois, e o AI-5 no meio.

9. A propaganda do regime (10 min · exposição)

Exposição curta com documentos: propaganda oficial, ufanismo, milagre econômico — e o ponto duro, que o regime não precisou produzir uma canção, bastou adotar a que a indústria já tinha no catálogo.

10. Júri simulado com três réus (20 min · debate)

A banda, a gravadora e o governo. Sustentar com data, selo, contexto de mercado e o que aconteceu com a carreira depois.

11. Produção do podcast (25 min · produção artística)

Seis a oito minutos, em grupos, com trechos das três gravações e narração, respondendo à pergunta norteadora. Um dos blocos é obrigatoriamente sobre a dúvida deixada em aberto.

MATERIAIS

Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones Os Incríveis · 1967 · Compacto RCA, julho de 1967, versão de Brancato Júnior

O antimilitarismo atravessando o Atlântico e tocando à vontade num país já sob regime militar.



C'era un ragazzo che come me amava i Beatles e i Rolling Stones Gianni Morandi · 1966 · Gravação italiana de 1966, de Franco Migliacci e Mauro Lusini

O original, para medir o que sobreviveu à travessia — e a canção que a emissora estatal italiana censurou.

Eu Te Amo, Meu Brasil Os Incríveis · 1970 · RCA, fim de 1970, de Dom, da dupla Dom e Ravel

Mesma banda, mesmo selo, três anos depois, com o AI-5 no meio.

- link: Os Incríveis, compacto de 1967 (Discogs) — <https://www.discogs.com/Os-Incr%C3%ADveis-Era-Um-Garoto-Que-Como-Eu-Amava-Os-Beatles-E-Rolling-Stones/release/2603304>
- audio: Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones (Spotify) — <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0mrP69xWBmInixuVLFqCSI>
- link: C'era un ragazzo — ficha e contexto (Antiwar Songs) — <https://www.antiwarsongs.org/canzone.php?lang=en&id=42>
- link: A história da canção e da censura da RAI (Rockol) — <https://www.rockol.it/news-729060/gianni-morandi-la-storia-di-c-era-un-ragazzo>
- link: Eu Te Amo, Meu Brasil — verbete — https://pt.wikipedia.org/wiki/Eu_Te_Amo,_Meu_Brasil
- link: Acervo da censura — Memórias Reveladas / Arquivo Nacional — <http://memoriasreveladas.an.gov.br>
- link: Peças de propaganda do governo Médici; mapa do Sudeste Asiático com cronologia da guerra

BIBLIOGRAFIA

BRUZADELLI, Victor Creti; SOUSA, Rainer Gonçalves. História da Música Popular Brasileira para Vestibulares e ENEM. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2026.

AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO DOS ALUNOS

Podcast de 6 a 8 minutos, em grupos, com trechos das três gravações e narração, respondendo à pergunta norteadora. Um dos blocos é obrigatoriamente sobre a dúvida da etapa 4: o que se sabe, o que não se sabe e o que faltaria saber. Entrega acompanhada da escaleta com a fonte de cada afirmação.

- Uso da canção como fonte, e não como ilustração: a afirmação histórica se apoia no que se ouve.
- Correção e datação do contexto histórico mobilizado.
- Uso dos trechos sonoros na montagem: cada afirmação apoiada no trecho que a sustenta, e não trilha de fundo.

